

A Dimensão Kerygma na Missão Integral da Igreja

Jair Walter P. Ribeiro, Mestre em Missiologia
Diretor do Instituto Paracleto
jairwpr@ig.com.br

Este Estudo busca levantar as bases teológicas para o ofício profético em relação a sua atuação histórica e seu desenvolvimento como pregação expositiva e ensino sistemático.

No meu livro **Missão da Igreja: dimensões e efeitos**¹ comento sobre a narrativa da pregação ao eunuco etíope, quando o evangelista Filipe se aproxima (*martyria*) e explica as Escrituras (*kerygma*), o que resulta no batismo do eunuco (*leitourgia*) e sua inclusão na igreja (*koinonia*).

No envio dos 70, em Lucas, Jesus sublinha o risco da missão na medida em que descreve os discípulos que estão sendo enviados como "cordeiros enviados para o meio de lobos" (*martyria*), e eles são proibidos de levar qualquer coisa consigo. Devem desejar paz à casa onde entrarem, comer qualquer alimento que lhes for servido (*koinonia*), curar os doentes (*diakonia*) e, somente então, proclamar que "o reino de Deus está próximo" (*kerygma*).

Tendo em vista o texto bíblico de Atos 2:42-47, identificamos as seguintes dimensões principais:

Atos 2:42a “E perseveravam na doutrina dos apóstolos ...” Atos 13:38-39 “Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.”

- Jesus é o Senhor, implica em movimento para fora, em direção ao mundo.
- Havia duas formas de pregação, a saber, *kerygma* e *didache*.
- A igreja existe quando as pessoas confessam com a boca e crêem no coração que Jesus é o Senhor.
- A igreja reconheceu que o reino reconciliador, redentor e renovador desse Senhor é um reino universal que abraça todas as nações.
- A palavra evangelho possui dois sentidos básicos: a proclamação ativa da mensagem e o conteúdo proclamado.

Definição

A Homilética é a ciência do qual a arte é a pregação e o produto é o sermão. A origem da palavra “Sermão” é do Latim SERMO, “fala, discurso”. Originalmente queria dizer “encadear palavras”, usando a raiz do verbo SERERE, “unir” (que originou a palavra “série”).

¹

MISSÃO DA IGREJA: dimensões e efeitos, Jair Walter – Instituto Paracleto, 2011

Antes do Concílio Vaticano II, na Igreja, se escutava o SERMÃO do Padre, pois era uma fala dogmática. Hoje, se escuta a HOMILIA do Padre, no sentido de a fala ser mais explicativa do que dogmática.

A expressão “homilética” tem sua origem nos substantivos gregos “*homilia*” (sig. Associação, companhia – 1Co 15.33) e “*homilos*” (sig. Multidão, turma, assembleia do povo – At 18.17) e no verbo da mesma língua “*homíleo*” (sig. Falar, conversar – Lc 24.14s; At 20. 11; 24.26).

O documento da CNBB acrescenta que “[...] Para o 3º milênio, as exigências permanentes da evangelização serviço (*diakonia*), diálogo-anúncio (*kerygma*), comunhão (*koinonia*) foram resumidos pelo Papa no Sínodo das Américas: “conversão, comunhão e solidariedade”.

Classificação

Há muitos tipos de sermões e vários meios de classificá-los. Provavelmente a forma menos complicada seja a classificação em TEMÁTICOS, TEXTUAIS e EXPOSITIVOS:

1. Sermão temático é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independentemente do texto. Isso significa que o sermão temático tem início com um tema ou tópico, e que suas partes principais consistem em idéias derivadas desse assunto. Os versículos nos quais se fundamentam as divisões principais devem ser, em geral, extraídos de porções bíblicas mais ou menos distantes umas das outras.
2. No sermão textual temos um tipo de discurso diferente do sermão temático. Neste iniciamos com um texto; naquele, começamos com um tema. Observe com cuidado a definição do sermão textual. Sermão textual é aquele no qual as divisões principais são derivadas de um texto constituído de uma breve porção da Bíblia. Cada uma dessas divisões é usada como uma linha de sugestão, e o texto fornecem o tema do sermão.
3. O sermão expositivo é o método mais eficiente de pregação, porque, mais que todos os outros tipos de mensagens, ele, com o tempo, produz uma congregação cujo ensino é fundamentado na Bíblia. Ao expor uma passagem da Sagrada Escritura, o ministro cumpre a função primária da pregação, a saber, interpretar a Verdade bíblica (o que nem sempre se pode dizer dos outros tipos de sermões). Sermão Expositivo é aquele em que uma porção mais ou menos extensa da Escritura é interpretada em relação a um tema ou assunto. A maior parte do material desse tipo de sermão provém diretamente da passagem, e o esboço consiste em uma série de idéias progressivas que giram em torno de uma idéia central.

Ronaldo Lidório comenta em seu blog, que Jesus lança uma evidência puramente missiológica dizendo que “será pregado o Evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim”. A expressão grega para “e será pregado” tem como raiz *kerygma*, uma

proclamação audível e inteligível do Evangelho paralelamente à *martyria* que evoca um sentido mais pessoal, de testemunho de vida.

Portanto, a expressão *Martyria* (testemunho) indica uma ação informal de vida enquanto *kerygma* (proclamação) pressupõe uma pregação mais sistemática do Evangelho.

Karl Barth, em *Church Dogmatics*, defende o uso do verbo *matheteuein* em lugar de *keryssein* (pregar) que aparece nos textos de Mc 16:15 e Lc 24:47 ou *euangelizesthai* (pregar boas novas) que é usado em Mat. 11:5. No contexto, a ordem é dada com o propósito de fazer discípulos, não somente confrontar ou desafiar os ouvintes.

Batizando e ensinando de Mat. 28 expressam o modo como a missão de fazer discípulos se realiza. Ele lembra que as autoridades civis são diakonos para Deus e *leitourgoi* (ministros) seus representantes são conforme Rom. 13:3-6.

A propósito, em *Proclamacion del Evangelio*², Barth descreve o *kerygma* como a vinda de Cristo até o retorno do Senhor. A pregação neotestamentária possui duplo movimento: “Deus tem se revelado, Deus se revelará.”. A Epifânia é a anunciação da vinda de um rei ou de um Deus. A Parousia significa a presença literal a partir de sua anunciação.

Para ele, todo discurso veria sair do respeito à Escritura. O conhecimento do momento presente tem a sua importância. Barth ainda aconselha: “Não se deve fazer uma pregação sobre um tema e sobre um texto (homilia).”.

Proclamação e ensino

As igrejas precisam distinguir estes dois componentes na proclamação do evangelho: o testemunho e a pregação. Os crentes precisam ser motivados a testemunhar onde se encontram. Essa é uma lacuna crítica: o espaço entre a casa e a igreja. Quando acontece, o avivamento se torna evidente neste espaço. Se os crentes não testemunham, não existe avivamento. O testemunho precisa ancorar na Palavra. A Palavra é causa e consequência. Isto é, os crentes necessitarão de mais conhecimento. A igreja deverá fornecer a *kerygma* através de seus apóstolos, mestres e profetas. A motivação para o testemunho (*martyria*) será provida pelos evangelistas e pastores.

Muitas igrejas fornecem a palavra *kerygma* apenas através de seus púlpitos. Isto torna a congregação demasiadamente dependente do pastor, o que muitos estudiosos chamam de crescimento do sacerdotalismo. Algumas igrejas estão retornando com escolas bíblicas não apenas para promover a edificação espiritual, mas à necessidade de prover conhecimento bíblico aos crentes.

Ray Stedman, no livro **IGREJA, CORPO VIVO DE CRISTO**³ destaca que a igreja nascente confiava assim num testemunho duplo, como um meio de alcançar e imprimir sobre um mundo cínico e descrente o *kerygma*

² Proclamacion del Evangelio, Karl Barth

³ IGREJA, CORPO VIVO DE CRISTO, Ray Stedman

(proclamação) e a *koinonia* (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente. "Pelo depoimento de duas ou três testemunhas se estabeleça toda palavra." Os pagãos poderiam desfazer facilmente a proclamação, como simplesmente mais uma "doutrina" entre muitas; mas eles viram que é muito mais difícil rejeitar a evidência da *koinonia*. O interesse dos cristãos um pelo outro e sua evidente consciência de estarem compartilhando a vida na mesma grande família de Deus como irmãos e irmãs deixavam o mundo pagão se lambendo de inveja. Foi isso que levou à observação muito citada de um escritor pagão: "Como se amam mutuamente esses cristãos!"

Para Bertil Ekstrom⁴, no artigo *Witness to Christ in Latin America*, na América Latina, todas as igrejas apresentam a dimensão *kerygma* junto com a diaconia. Nossos estudos comprovam esta combinação.

Bertil adverte que existe uma ausência de discipulado e consequente dicotomia entre a vida dominical nas igrejas e a vida diária nas comunidades.

O verbo "*kerysso*" aparece 61 vezes no Novo Testamento (19 vezes nas epístolas pastorais, 8 vezes em Atos, 9 vezes no Evangelho de Mateus e 9 vezes em Lucas, 14 vezes em Marcos, 1 em I Pedro e 1 vez em Apocalipse) e significa anunciar. Uma análise do objeto gramatical do verbo revela que, nas passagens mais antigas de Paulo (I Ts 2.9; Gl 2.2, mas também em Cl 1.23) e em alguns contextos de Marcos (Mc 1.14, 13.10, 14.9) e de Mateus (4.23, 9.35, 24.14 3 26.13), o objeto é *to evangelion*, o evangelho.

Quando percebemos o conteúdo daquilo que tem sido ensinado em muitas igrejas, a preocupação precisa invadir o coração de todos os que amam o Senhor. O evangelho tem-se diluído e o evangelho que vem sendo pregado não reflete todo o desígnio do Pai, mas apenas aquilo que alguns líderes querem ensinar segundo sua conveniência. Muito disso é fruto de uma hermenêutica alegórica, que não leva a sério aquilo que as Escrituras ensinam, mas vale-se de visão pluralista de que cada um tem a sua verdade, portanto, veem-se no direito de proclamá-la. Sobre essa superficialidade, o clérigo alemão Bonhoeffer, que se opôs a Hitler e ao nazismo, chamou essa teologia de "graça barata". Ele disse:

"Graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, batismo sem disciplina eclesiástica, comunhão sem confissão, absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem cruz, graça sem o Jesus Cristo vivo e encarnado".

Mateus, falando sobre o ministério de Jesus, informa que Ele "pregava o Evangelho do Reino". A mensagem do Deus Filho não era uma mensagem fragmentada, segundo um modelo pré-concebido da verdade. Ao contrário, Ele proclamava todo o desígnio de Deus e não dicotomizava sua mensagem. Sua pregação não se limitava a falar da esperança celestial, mas trazia esperança para o aqui e agora e isto aconteceu em várias oportunidades, tocando a vida de muita gente. Sua mensagem era uma nítida declaração de que Ele via o ser humano integralmente. Sendo assim, Ele tratou da saúde de um paralítico, mas lembrou-o de que não deveria pecar para que não sucedesse coisa pior (Jo

⁴

Witness to Christ in Latin America, Bertil Ekstrom

5.1-14); Ele cuidou de outro paralítico, que foi levado por 4 homens à sua presença (Mc 2), mas, desta feita, Ele começa a falar sobre o perdão de pecados e somente depois, para testificar sobre sua autoridade, cura o paralítico do mal acometido.

O segundo elemento presente no ministério de Jesus é o ensino, e este se refere à instrução dada ao povo. O objetivo é que o povo seja ensinado a partir da autoridade e não dos "estatutos humanos".

O verbo *didaskō* transmite a ideia de estender a mão repetidas vezes para aceitar algo; a palavra, portanto, sugere a ideia de fazer alguém aceitar alguma coisa. No Novo Testamento, *didaskō*, ocorre 95 vezes, das quais 38 aparecem nos evangelhos sinóticos.

Os evangelhos sinóticos são uma clara testemunha de que havia ensino no ministério de Jesus. Ele ensinava publicamente, isto é, nas sinagogas (Mt 9.35, 13.54), no templo (Mc 12.35, Lc 21.37), ao ar livre (Mt 5.2, Mc 6.34) ou ainda, nos lares (Mc 2.1-12). Lucas, o médico amado, é o único que diz algo sobre a forma externa do seu ensino (Lc 4.16), esclarecendo que o Salvador permanecia em pé para ler a Palavra e sentava-se para ensiná-la, conforme o costume rabínico.

O que Jesus ensinava? Em resumo, a resposta é: Deus, Seu reino e Sua vontade, sendo que todos os mencionados temas também pertenciam ao judaísmo contemporâneo, acerca dos quais Jesus, segundo o modo de um rabino ou de um profeta, falava nas Suas conversas com os judeus.

Nota-se, com grande fascínio, que Jesus não teoriza sobre Deus, Sua providencia, Sua graça ou Sua ira, mas demonstra a bondade e a ira de Deus em operação em várias situações concretas.

Cultura e Mensagem

Rick Warren, em artigo da *Enfoque Gospel de janeiro de 2004*, pergunta: "Por que aqueles 3 mil se converteram? Porque eles sentiram a presença de Deus e entenderam a mensagem dEle. Acredito que esses dois elementos são essenciais para tornar a adoração uma forma de testemunhar". Ele conclui:

"Uma mensagem clara acoplada a uma adoração genuína não vai apenas atrair os que não acreditam, mas vai abrir os seus corações para o poder do Evangelho."

As dimensões *leitourgia* e *kerygma* combinadas produzem elementos essenciais para a conversão. Igrejas que sabem utilizá-las com qualidade e quantidade produzem muitas conversões e manifestação do poder de Deus. A adoração congregacional pode ajudar muitas pessoas a encontrar uma proximidade maior com Deus. Ocorre que somos tentados em fazer sempre a nossa festa particular. Por exemplo, em I Coríntios 14:23, Paulo ordena que a manifestação em línguas estranhas deve ser refreada na adoração pública. A adoração precisa ser adequada quando não crentes estão presentes.

Um dos exemplos notáveis foi a utilização de pandeiro entre os instrumentos musicais das igrejas pentecostais históricas. Certamente, o ritmo

musical dos hinos ajudou a estabelecer uma aproximação cultural com a população da periferia das cidades.

A organização das milhares de igrejas Assembléia de Deus reconhecia quase todos os dons ministeriais, à exceção do apóstolo: o pastor, o evangelista, o professor e o profeta. Essa organização providenciou grande dinâmica ministerial. O resultado foi uma explosão de crescimento.

É bom lembrar que muitas igrejas tradicionais evitaram o uso de guitarras e bateria até os anos 80.

Barth assinala que:

“... a Palavra quer ser confrontada com o homem, quer agitá-lo, atacá-lo, a fim de conduzi-lo desta forma à Paz de Deus. Não é preciso deformar a Palavra ou evitar com negligência ou desobediência.”.

No artigo **Calvino e Sola Scriptura**⁵, Daniel Miranda descreve que pregar a Palavra foi o método de Calvino em Genebra. Calvino pregava em dias alternados e lecionava cada terceiro dia; na quinta-feira reunia-se com os presbíteros; na sexta-feira participava da reunião chamada “A Congregação” em que, com outros ministros, trocava ideias sobre textos das Escrituras.

Martin Lloyd-Jones, em uma de suas exposições no seminário de Westminster, afirmou:

“Se alguém quiser saber doutra razão em acréscimo, então eu diria, sem hesitação, que a mais urgente necessidade da igreja cristã da atualidade é a pregação autêntica.”.

Bonhoeffer, em uma de suas preleções sobre pregação, proferidas antes de irromper a guerra, ressaltou:

“Por causa da Palavra proclamada, o mundo existe com todas as suas palavras. No sermão, é deitado o alicerce para um mundo novo. Nele, a palavra original se torna audível. Não há maneira de evitar ou escapar da palavra falada do sermão, nada nos libera da necessidade desse testemunho, nem sequer o culto ou a liturgia [...] O pregador deve ter a certeza de que Cristo entra na congregação mediante aquelas palavras que proclama das Escrituras.”.

John Stott, em uma de suas obras, afirmou:

“O padrão da pregação no mundo moderno é deplorável. Existem poucos grandes pregadores. Muitos ministros religiosos parecem não acreditar nela como modo poderoso de proclamar o Evangelho e de transformar vidas. Esta é a época do ‘sermãozinho’: e ‘sermãozinho’ produz ‘cristãozinho’. Boa parte da incerteza atual a respeito do Evangelho e da missão da Igreja deve-se, por certo, a uma geração de pregadores que perderam confiança na Palavra de Deus e já não se dão ao trabalho de estudá-la em profundidade e de proclamá-la sem medo nem favoritismo.”.

⁵

http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Calvino-Sola-Scriptura_Daniel-Leite.pdf

Forma e conteúdo

No final dos anos 60, uma importante mudança paradigmática no campo da Homilética começou a ganhar força buscando resgatar para dentro da pregação cristã teorias indutivas e narrativas, constituindo o que passou a se chamar de Nova Homilética. O modelo homilético que Fred Craddock compilou, conhecido como pregação indutiva, tem por objetivo principal convidar as pessoas ouvintes a tomar parte no desenrolar da прédica e permitir que haja espaço para que cheguem às suas próprias conclusões. No coração da proposta de Craddock está a convicção de que, sendo comunicação oral, a прédica pertence a todas as pessoas que a ouvem. Craddock chega a afirmar que a Palavra de Deus não está localizada nas páginas [da Bíblia] nem nos lábios [de quem prega], mas nos ouvidos [de quem ouve].

Em *As One Without Authority*, Craddock⁶ deu um puxão de orelhas bem grande em seus colegas pregadores, homilistas e líderes eclesiásticos da América do Norte. Para ele, sabe-se sobre o que pregar, mas se dá pouca ou nenhuma atenção ao como pregar. Esse divórcio entre forma e conteúdo na прédica era fatal, porque falhava em não reconhecer a teologia implícita no método de comunicação⁹. Craddock propunha veementemente que forma e conteúdo são inseparáveis na прédica, porque como se prega é, em grande parte, o que se prega. Ele afirmava novamente que, enquanto a Cristandade concentrou sua atenção no quê" da fé, ela esqueceu completamente o como, e esse fato apontava para certo desrespeito para com as comunidades ouvintes, entendidas como meras receptoras passivas de uma mensagem.

Homileticamente, dedução significa começar a прédica com a tese central (conclusão, mensagem, verdade, doutrina) e seguir para pontos menores ou teses secundárias que visam apoiar e provar a tese central. Os pontos menores podem ser divididos em itens ainda menores que, finalmente, são aplicados à situação vivencial das pessoas ouvintes.

O método homilético indutivo não busca provar uma tese, mas montar as particularidades das experiências em uma ordem narrativa de tal forma que termine em uma mensagem coerente. Pregação indutiva favorece e possibilita прédicas com final aberto. Do ponto de vista da lógica, прédicas indutivas são inconclusivas, isto é, permitem que a pessoa que ouve tire suas próprias conclusões e/ou aplicações concretas da mensagem para sua vida. Pregação deveria ser entendida como um evento comunitário, no qual tanto as pessoas que pregam quanto as que ouvem participam ativamente.

Penso que aqui residiu a força do Pentecostalismo: na sua pregação participativa. Devido a liturgia de seus cultos, com variedade de participações entre as quais de corais, profetas, cantores, testemunhos, as igrejas pentecostais e suas ramificações passaram a praticar essa homilética indutiva que muitas vezes escapava do controle do pastor da igreja. Porém, os fiéis percebiam um ambiente social-religioso que qualquer um poderia ter voz. Não é surpreendente o crescimento vertiginoso do movimento pentecostal nas últimas décadas associada à urbanização crescente na América Latina, África e Ásia.

Os seguintes elementos são essenciais em qualquer прédica indutiva:

⁶

<http://www.religion-online.org/showbook.asp?title=797>

1. Experiências concretas e particulares;
2. Tanto conteúdo quanto forma devem respeitar o direito dos/as ouvintes de participar da прédica e, se assim desejarem, chegar a uma conclusão com suas próprias forças;
3. Quem ouve deve ter a chance de completar a прédica, tirar as consequências da mensagem para a sua vida.

Josué Campanhã, missionário da Sepal, escreveu um artigo chamado ***Pastores, parem de pregar***⁷, publicado na revista Cristianismo Hoje, e disponível na internet:

"Todas as semanas perto de um milhão de sermões são pregados em cerca de trezentas mil igrejas evangélicas no Brasil. Calculo que uma pessoa que frequente uma igreja por 15 anos, apenas um culto por domingo, já ouviu cerca de 780 sermões. Imagine o poder transformador de tanta pregação, por tanto tempo, na vida de milhões de pessoas. Entretanto, por que um avivamento não acontece? Por que os evangélicos não aniquilam a corrupção em lugar de serem aniquilados por ela?

É impossível deixar de fazer uma comparação. Por que Jonas, Pedro, Paulo, Spurgeon e Moody pregaram com mais dificuldade do que nós e causaram efeitos "devastadores"? Por que não vemos quase nada parecido a isto hoje? Talvez a resposta esteja num "pedido" aos pastores: Parem de pregar!

1. *Parem de pregar sermões onde não há alegria e são pregados por causa da obrigação com o emprego e porque estão sendo pagos pela igreja;*
2. *Parem de pregar sem antes estudar a Bíblia para aplicar em suas próprias vidas;*
3. *Parem de pregar sem antes dedicar dez a quinze horas de oração e mergulho no texto bíblico sobre o qual falarão;*
4. *Parem de pregar sermões prontos do seu bispo ou apóstolo, sem coração, paixão ou emoção;*
5. *Parem de pregar sermões copiados da internet, sem vida e sem experiência pessoal;*
6. *Parem de pregar suas ideias pessoais, justificadas com alguns versículos bíblicos;*
7. *Parem de pregar regras para as pessoas viverem, que vocês nunca viveram.*

E a lista poderia ir embora...

Preguem a Palavra, poderosa, penetrante, transformadora e verdadeira.

Deixo um desafio que recebi há cerca de 30 anos, quando estudei pregação expositiva com um homem chamado Karl Lachler. Depois que ele nos explicou o poder da pregação da Bíblia – primeiro para a minha vida e depois como uma ferramenta que o Espírito Santo usa para alcançar outros –, a única coisa que consegui fazer naquele dia foi: me quebrantar, chorar, orar, chegar a minha casa e jogar fora todos os sermões que tinha, pedir perdão a Deus e começar tudo de novo. Nunca mais um sermão foi igual."

⁷

http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Calvino-Sola-Scriptura_Daniel-Leite.pdf

Uma pequena pesquisa realizada por um professor do Seminário Batista de Brasília ressaltou a necessidade de exposição bíblica na pregação. A questão que os alunos deveriam responder foi: qual era a opinião que os membros das igrejas faziam das mensagens que seus pastores pregavam? As opiniões foram as seguintes: 1) eles lêem, mas não explicam a Bíblia; 2) não aplicam os ensinamentos bíblicos às vidas dos membros; 3) dão mais atenção aos negócios da igreja do que ao crescimento espiritual dos membros.

Para Russell Shedd, autor do artigo “Pregue a Palavra”, o remédio mais eficaz para estas omissões da parte de alguns dos pastores depende de três passos:

- 1) exegese cuidadosa do texto;
- 2) busca e desenvolvimento textual do ensinamento central da passagem bíblica;
- 3) Uma vez concluído este trabalho básico, organize uma aplicação o ensinamento às vidas dos ouvintes.

Jack Deere conta que numa pequena cidade, onde não havia um bar, alguém começou a construir uma taverna, não dando atenção a um pastor da cidade que pregava contra a ideia. O pastor e alguns cristãos reuniram-se para uma vigília com o objetivo de pedir a providência de Deus quanto ao caso. Naquela mesma noite, um raio atingiu a taverna em construção, destruindo-a completamente. O dono do prédio deu início a um processo judicial contra o pastor e a igreja, alegando que os crentes eram os responsáveis pelo que acontecera. O pastor e a igreja contrataram um advogado que negou que eles tivessem alguma coisa a ver com o ocorrido. Quando chegou o dia do julgamento, o juiz afirmou: "Uma coisa ficou muito clara neste caso, não importa qual seja seu desfecho. O dono da taverna acredita no poder da Bíblia e da oração, o pastor e os crentes, não.".

Sang Heung-Lee, autor do artigo ***Preaching for the Upbuilding of the church in transition***⁸, pontua que a pregação precisa escolher sua proposta conforme o pregador vê sua audiência.

O estilo de comunicação tradicional é compreendido como um esquema linear entre pregação e ouvintes. A relação entre a Palavra de Deus e os ouvintes é totalmente intermediada pelo pregador. O pregador faz depósitos de informação na mente do ouvinte.

Sang apresenta a teoria de Pieterse sobre a comunicação dialógica. Para tanto, entende que Deus nunca agiu de modo unilateral. Deus sempre usou o estilo dialógico, recebendo perguntas e discussões. O diálogo é uma atitude fundamental do cristão. Pieterse entendia que as pessoas se comunicam de modo mais livre sem um instrumento de dominação.

Um dos princípios da reforma é que todos os membros da Comunidade possuem uma vocação de interpretação e proclamação. Dessa forma, o pregador e a congregação devem interpretar a mensagem a partir do centro do texto para as suas margens possíveis.

⁸

Preaching for the Upbuilding of the church in transition – Lee, S-H University of Pretoria

Quando um pregador fala, ele ou ela está fornecendo uma expressão verbal para uma intenção. A escrita é a fixação do ato da pregação. Portanto, é necessário que o pregador entenda os dois mundos. O mundo do texto e o mundo da congregação. Isso significa fazer uma exegese da congregação.

Vários teólogos e escritores entendem a função *kerygma* da igreja com os seguintes componentes: *kerygma*, *martyria*, *didache*. Parece que estas funções se relacionam e são interdependentes.

Um dos debates acalorados é sobre a prevalência da pregação narrativa em relação à pregação pontual. Esta última é preferida por pregadores tradicionais, adeptos de uma sistematização da pregação por tópicos. Porém, as pregações narrativas ganharam força entre os pregadores pentecostais ao conduzir os ouvintes conforme o fluxo do texto bíblico.

Pesquisas mostram que os pregadores mais jovens preferem a pregação narrativa devida sua preferência pela comunicação dialógica.

Estruturação da pesquisa

Aquele que domina a homilética tem o privilégio de preparar uma mensagem fiel à Escritura com coerência, lógica, forma e conteúdo. Também exporá essa mensagem com ousadia porque estará falando com propriedade sobre o tema uma vez que trabalhou arduamente nele.

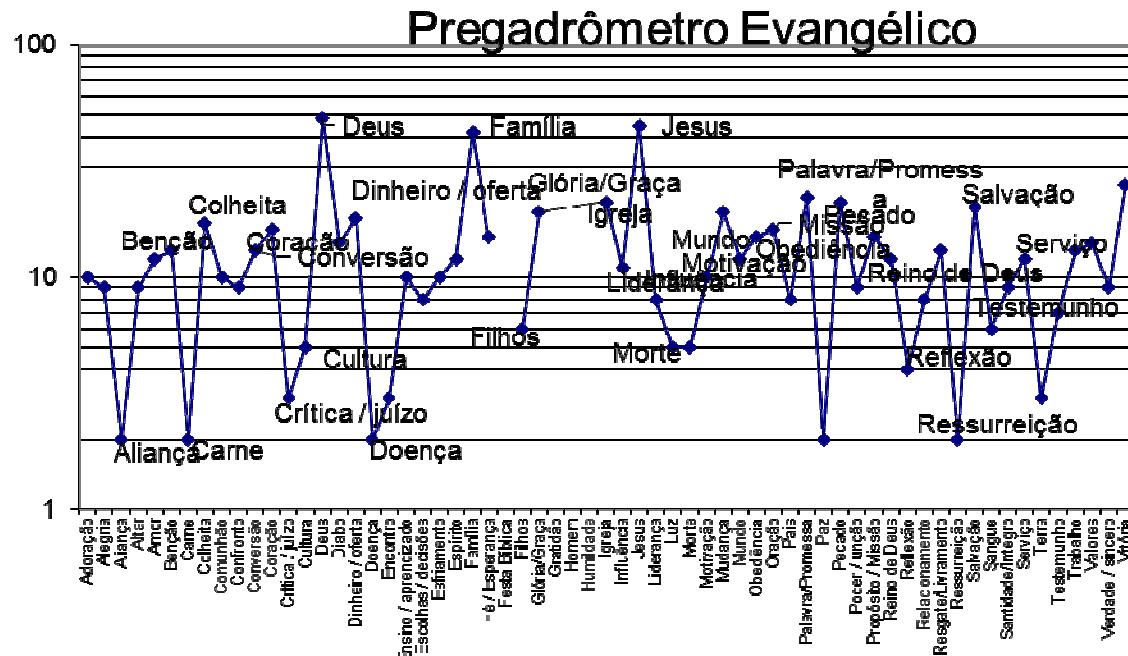
Outra grande vantagem da homilética é para o ouvinte. Ele consegue entender o que está sendo transmitido com clareza devido à ordenação da mensagem e, consequentemente, tem melhores condições de responder positivamente ao apelo que lhe for feito (embora não se deva esquecer jamais que o papel do convencimento é do Espírito Santo e não nosso).

Um dos recursos homiléticos mais úteis é a “palavra-chave”. Se houver unidade num sermão, haverá uma “palavra-chave”, não necessariamente expressa ou reconhecida, que caracteriza um dos principais pontos, e mantém unida a estrutura. Uma “palavra-chave” é sempre um substantivo, um substantivo verbal ou um adjetivo.

- Uma palavra-chave abre um argumento estruturado formado por um discurso seguinte com finalidade de sustentá-lo.
- Em discursos de origem latina, as palavras-chave são apresentadas após um discurso que afunila para os temas objetivos.
- Muitas vezes, a palavra-chave ocorre devido a repetição frequente.
- Os textos bíblicos podem indicar quais as palavras-chave que serão mais utilizadas.
- Durante a aplicação do discurso, devem ocorrer mais palavras-chave do que durante seu desenvolvimento.

Resultados

O gráfico abaixo revela a incidência de palavras-chave durante as pregações em uma igreja evangélica, durante o período de seis meses, na cidade do Rio de Janeiro.



Utilizando a ferramenta online da IBM, no site ManyEyes, tabulamos as principais palavras-chave coletadas durante as pregações proclamadas em uma igreja evangélica no período de 6 meses. O resultado foi formatado em formato de nuvem, plotando as palavras de modo proporcional à quantidade de citações. Quanto maior o número de citações, maior será o tamanho da palavra na nuvem:



Maria Clara Bingemer comentou em reportagens que o Papa Francisco, em sua homilia, proferida na Basílica de Aparecida (SP), declarou sobre os jovens:

"Eles não precisam só de coisas, precisam sobretudo que lhes sejam propostos aqueles valores imateriais que são o coração espiritual de um povo, a memória de um povo".

E os três dons imateriais e inspiradores que o Papa propõe aos jovens encontram seus correspondentes nas três virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

1. Conservar a esperança. A uma juventude desesperançada, que se confronta diariamente com uma sociedade sem ideais, sem trabalho, sem horizontes, o Papa propõe à Igreja do Brasil, e sobretudo aos jovens, não abrir mão da esperança. Não deixar que a esperança morra em seus corações e que seus horizontes esbarrem nos limites mortais do imediatismo injusto e consumista que só traz a morte e não a vida. Francisco reafirma que a esperança tem fundamento e sentido e exemplifica com o texto do Apocalipse, que mostra que, apesar de todas as ameaças e dragões da maldade, Deus não deixa perecer seus filhos. E por isso os pobres e os humildes têm profunda esperança nesse Deus que nunca falha.

2. Deixar-se surpreender por Deus. Esse ponto corresponde à virtude da fé. Quem crê sabe que em qualquer esquina e momento da vida, Deus está a sua espera para surpreendê-lo com um dom, um chamado, uma vocação. Só quem tem os sentidos espirituais abertos e atentos pode reconhecer as surpresas amorosas que estão à espreita, dando sentido à vida e vigor ao cotidiano. Crer num Deus que sempre surpreende, que em meio a uma pesca infrutífera dá o presente de sua Mãe, Nossa Senhora, que em meio à dureza do cotidiano infiltra sua presença amorosa, é o chamado para os jovens. Crer. Não achar que a realidade é apenas aquilo que parece ser, mas é sobretudo aquilo que poderá ser se a fé ilumina essa mesma realidade. Comparando a ação de Deus com o vinho novo das bodas de Cana que vem no final e é o melhor, o Papa encorajou os jovens a crer neste melhor que só Deus pode dar.

3. Viver na alegria. Quem crê e espera é porque se sente amado. Profundamente amado. E por isso tem que estar e ser alegre. O pessimismo, o derrotismo, é proibido àquele que crê em Jesus Cristo. Esse foi o último recado aos jovens: ser alegre, não deixar-se submergir na tristeza que o mundo parece oferecer. Experimentar o amor do Senhor e dar testemunho da imensa alegria que isso representa. Isso é o que liberta dos ídolos da morte: a riqueza, o poder, o prazer.



Na homilia, proferida no sábado, dia 27 de julho de 2013, o Papa Francisco declarou:

"Amados Irmãos em Cristo,

Vendo esta catedral lotada com Bispos, sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas vindos do mundo inteiro, penso nas palavras do Salmo da Missa de hoje: «Que as nações vos glorifiquem, ó Senhor» (Sl66). Sim, estamos aqui reunidos para glorificar o Senhor; e o fazemos reafirmando a nossa vontade de sermos seus instrumentos, para que não somente algumas nações mas todas glorifiquem o Senhor. Com a mesma parresia – coragem, ousadia – de Paulo e Barnabé, anunciamos o Evangelho aos nossos jovens para que encontrem Cristo, luz para o caminho, e se tornem construtores de um mundo mais fraternal. Neste sentido, queria refletir com vocês sobre três aspectos da nossa vocação: chamados por Deus; chamados para anunciar o Evangelho; chamados a promover a cultura do encontro.

1. Chamados por Deus. É importante reavivar em nós esta realidade que, frequentemente, damos por descontada em meio a tantas atividades do dia-a-dia: «Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi», diz-nos Jesus (Jo 15,16). Significa retornar à fonte da nossa chamada. No início de nosso caminho vocacional, há uma eleição divina. Fomos chamados por Deus, e chamados para permanecer com Jesus (cf. Mc 3, 14), unidos a Ele de um modo tão profundo que nos permite dizer com São Paulo: «Eu vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20). Este viver em Cristo configura realmente tudo aquilo que somos e fazemos. E esta “vida em Cristo” é justamente o que garante a nossa eficácia apostólica, a fecundidade do nosso serviço: «Eu vos designei para irdes e para que produzais fruto e o vosso fruto permaneça» (Jo 15,16). Não é a criatividade pastoral, não são as reuniões ou planejamentos que garantem os frutos, mas ser fiel a Jesus, que nos diz com insistência: «Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4). E nós sabemos bem o que isso significa: Contemplá-lo, adorá-lo e abraçá-lo, particularmente através da nossa fidelidade à vida de oração, do nosso encontro diário com Ele presente na Eucaristia e nas pessoas mais necessitadas. O “permanecer” com Cristo não é se isolar, mas é um permanecer para ir ao encontro dos demais. Vem-me à cabeça umas palavras da Bem-aventurada Madre Teresa de Calcutá: «Devemos estar muito orgulhosas da nossa vocação, que nos dá a oportunidade de servir Cristo nos pobres. É nas favelas, nos «cantegriles» nas Villas miseria, que nós devemos ir procurar e servir a Cristo. Devemos ir até eles como o sacerdote se aproxima do altar, cheio de alegria» (Mother Instructions, I, p.80). Jesus, Bom Pastor, é o nosso verdadeiro tesouro; procuremos fixar sempre mais n’Ele o nosso coração (cf. Lc 12, 34).

2. Chamados para anunciar o Evangelho. Queridos bispos e sacerdotes, muitos de vocês, senão todos, vieram acompanhar seus jovens à Jornada Mundial. Eles também ouviram as palavras do mandato de Jesus: «Ide e fazei discípulos entre todas as nações» (cf. Mt 28,19). É nosso compromisso ajudá-los a fazer arder, no seu coração, o desejo de serem discípulos missionários de Jesus. Certamente muitos, diante desse convite, poderiam sentir-se um pouco atemorizados, imaginando que ser missionário

significa deixar necessariamente o País, a família e os amigos. Recordo o meu sonho da juventude: partir missionário para o longínquo Japão. Mas Deus me mostrou que o meu território de missão estava muito mais perto: na minha pátria. Ajudemos os jovens a perceberem que ser discípulo missionário é uma consequência de ser batizado, é parte essencial do ser cristão, e que o primeiro lugar onde evangelizar é a própria casa, o ambiente de estudo ou de trabalho, a família e os amigos.

Não poupemos forças na formação da juventude! São Paulo usa uma bela expressão, que se tornou realidade na sua vida, dirigindo-se aos seus cristãos: «Meus filhos, por vós sinto de novo as dores do parto até Cristo ser formado em vós» (Gal 4, 19). Também nós façamos que isso se torne realidade no nosso ministério! Ajudemos os nossos jovens a descobrir a coragem e a alegria da fé, a alegria de ser pessoalmente amados por Deus, que deu o seu Filho Jesus para nossa salvação. Eduquemo-los para a missão, para sair, para partir. Jesus fez assim com os seus discípulos: não os manteve colados a si, como uma galinha com os seus pintinhos; Ele os enviou! Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades, quando há tanta gente esperando o Evangelho! Não se trata simplesmente de abrir a porta para acolher, mas de sair pela porta fora para procurar e encontrar. Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não freqüentam a paróquia. Também eles são convidados para a Mesa do Senhor.

3. Chamados a promover a cultura do encontro. Em muitos ambientes, infelizmente, ganhou espaço a cultura da exclusão, a “cultura do descartável”. Não há lugar para o idoso, nem para o filho indesejado; não há tempo para se deter com o pobre caído à margem da estrada. Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas sejam regidas por dois “dogmas” modernos: eficiência e pragmatismo. Queridos Bispos, sacerdotes, religiosos e também vocês, seminaristas, que se preparam para o ministério, tenham a coragem de ir contra a corrente. Não renunciemos a este dom de Deus: a única família dos seus filhos. O encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade e a fraternidade são os elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana.

Temos de ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Permitam-me dizer: deveríamos ser quase obsessivos neste aspecto! Não queremos ser presunçosos, impondo as “nossas verdades”. O que nos guia é a certeza humilde e feliz de quem foi encontrado, alcançado e transformado pela Verdade que é Cristo, e não pode deixar de anunciar-a (cf. Lc 24, 13-35).

Queridos irmãos e irmãs, fomos chamados por Deus, chamados para anunciar o Evangelho e promover corajosamente a cultura do encontro. A Virgem Maria seja o nosso modelo. Na sua vida, Ela deu «exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja, tem de regenerar os homens» (Conc. Ecum. Vat. II, Cost. dogm. Lumen gentium, 65). Seja Ela a Estrela que guia com segurança nossos passos ao encontro do Senhor. Amém.”



Conclusões

1. A pregação evangélica sofre transformações ao longo da história dos homens, pois as necessidades apresentam variações;
2. A pregação evangélica precisa compreender o contexto no qual a comunidade-foco está inserida. Este processo de compreensão é um exercício de hermenêutica.
3. A pregação depende da forma de abordagem da cultura que pode se desenvolver de 3 formas:
 - Como forma de translação;
 - Como forma de mudança;
 - Como forma de perdão.
4. As dimensões *leitourgia* e *kerygma* combinadas produzem elementos essenciais para a conversão. Igrejas que sabem utilizá-las com qualidade e quantidade produzem muitas conversões e manifestação do poder de Deus.
5. As igrejas precisam distinguir estes dois componentes na proclamação do evangelho: o testemunho (*martyria*) e a pregação (*kerygma*). Os crentes precisam ser motivados a testemunhar onde se encontram. Essa é uma lacuna crítica: o espaço entre a casa e a igreja.
6. A igreja nascente confiava assim num testemunho duplo, como um meio de alcançar e imprimir sobre um mundo cínico e descrente o *kerygma* (proclamação) e a *koinonia* (comunhão). A combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente.
7. Um dos princípios da reforma é que todos os membros da Comunidade possuem uma vocação de interpretação e proclamação. Dessa forma, o pregador e a congregação devem interpretar a mensagem a partir do centro do texto para as suas margens possíveis.